

Tradução de “A propósito dos nomes do vinho e do azeite” de Antoine Meillet

Thiago Saltarelli
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
saltarelli@outlook.com

RESUMO: É sabido que o léxico, diferentemente dos sistemas fonológico e morfológico, é o nível linguístico mais permeável e suscetível às influências do contato com outras culturas e dos empréstimos de palavras de outras línguas. A partir desse fato, o artigo de Meillet aqui traduzido para o português investiga e propõe uma origem para alguns itens lexicais que designam determinados objetos, em especial o vinho e o azeite, nas línguas indo-europeias, com destaque para o grego e o latim e suas influências no francês. A hipótese principal é de que as palavras que designam aqueles objetos nas línguas grega e latina (e eventualmente em outras línguas indo-europeias) não têm origem indo-europeia. Ao contrário, são originárias da antiga cultura autóctone que se desenvolveu na bacia do Mar Egeu antes da chegada dos helenos.

Palavras-chave: etimologia; vinho; azeite; cultura minoica; línguas indo-europeias.

Traduction de “À propos des noms du vin et de l’huile”, d’Antoine Meillet

RÉSUMÉ: On sait que le lexique, différemment des systèmes phonologique et morphologique, c’est le niveau linguistique le plus perméable et susceptible aux influences du contact avec d’autres cultures et des emprunts de mots d’autres langues. À partir de ce fait, l’article de Meillet traduit ici au portugais recherche et propose une origine pour quelques items lexicaux désignant certains objets, en particulier le vin et l’huile, dans les langues indo-européennes, mettant en évidence le grec et le latin et ses influences sur le français. L’hypothèse principale c’est de que les mots désignant ces objets-là dans les langues grecque et latine (et éventuellement dans d’autres langues indo-européennes) n’ont pas d’origine indo-européenne. Au contraire, ils sont originaires de l’ancienne culture autochtone qui s’est développée dans le bassin de la Mer Égée avant l’arrivée des hellènes.

Mots-clés: étymologie; vin; huile; culture minoenne; langues indo-européennes.

1. Tradução¹

A propósito dos nomes do vinho e do azeite²

Entre a morfologia e o vocabulário há uma grande diferença: a morfologia é um sistema que só muito dificilmente admite a introdução de elementos estrangeiros, não legados pela tradição da própria língua; o vocabulário compõe-se de palavras cujo valor, sem dúvida, não se deixa definir precisamente senão em comparação com outras palavras, as quais, entretanto, são independentes umas das outras, e, por conseguinte, ele pode acolher em quantidade ilimitada elementos que não provêm da tradição própria da língua. Em toda língua, a morfologia é a parte tradicional; o vocabulário reflete as diversas influências da civilização. Nesse tocante, a história do francês³ fornece um exemplo surpreendente.

Toda a gramática do francês compõe-se de procedimentos em que uns simplesmente continuam procedimentos latinos — é a menor parte — e em que outros — os mais numerosos — são obtidos com o auxílio de elementos latinos, ou, pelo menos, desenvolvidos no próprio francês e pelo efeito de condições existentes na língua. A oposição entre *chante* e *chantez* reflete aquela entre *canta* e *cantate*; a oposição entre *neuf* e *neuve*, aquela entre *nouum* e *nouam*.⁴ Formas novas como *je chanterai* ou *j'ai chanté* remontam a grupos como *ego cantare habeo* ou *ego habeo cantatum*, que não tinham em latim o caráter de procedimentos gramaticais, mas nos quais encontramos o início de procedimentos tornados gramaticais em francês. O papel da preposição *de* em francês é algo novo; mas *dē* é uma preposição latina. A significação gramatical da ordem das palavras não remonta ao latim; foi no curso do desenvolvimento que se criou essa significação, sem a intervenção de uma influência externa.

Com o vocabulário, ocorre de outra forma. Há, para as noções mais usuais, um fundo principal que dá continuidade ao fundo latino: palavras acessórias como os pronomes, os nomes dos números, os nomes de animais mais difundidos, os nomes de parentesco, os verbos que indicam atos ordinários como

¹ Traduzido a partir da versão publicada como capítulo de livro na obra *Linguistique historique et linguistique générale* (MEILLET, 1982, p. 297-304). Agradeço aos pareceristas que avaliaram a submissão, bem como à editora da *Revista Rónai*, Profa. Dra. Carol Martins da Rocha, as excelentes sugestões e observações apresentadas (N. do T.)

² Extraído de *The French Quarterly*, II (1920), p. 1 e ss. O fundamento das ideias aqui expostas já foi objeto de uma nota de caráter técnico nas *Mémoires de la Société de Linguistique*, XV, p. 161 e ss. Desde então, hipóteses análogas foram propostas por diversos especialistas, notadamente pelos senhores Cuny e Theander (N. do A.).

³ Em geral, o mesmo raciocínio e os mesmos exemplos apresentados por Meillet para o francês valem também para o português, pelo fato de as duas línguas compartilharem a mesma origem e um fundo cultural comum. (N. do T.). A partir daqui, todas as notas que se seguem são do tradutor. No texto, palavras e expressões entre colchetes também são acréscimos do tradutor.

⁴ Em português, teríamos a oposição entre *canta* e *cantai*, e entre *novo* e *nova*.

beber ou *dormir*, muitos adjetivos etc... Mas, paralelamente, há palavras que provêm de origens diversas. Subsistiram algumas palavras gaulesas, como *benne*.⁵ Foram introduzidas muitas palavras germânicas, como *guerre*, *choisir*, *garder*,⁶ palavras árabes ou americanas, vindas na maior parte por intermédio do espanhol, como *alcôve*, *chocolate* etc...⁷ Cada uma das civilizações com a qual os franceses se viram em contato, direto ou indireto, deixou assim, no vocabulário francês, alguns vestígios de sua influência.⁸

Nem na técnica, nem mesmo na linguagem as civilizações abolidas morrem completamente. A civilização relativamente avançada dos gauleses deixou em seus vizinhos numerosas marcas. A grande metalurgia do ferro que caracteriza a época gaulesa forneceu às línguas germânicas o nome do “ferro” **īsarnan*, que é claramente céltico. Os gauleses haviam desenvolvido largamente o uso de carroças,⁹ herança da época indo-europeia; os romanos, que os rejeitaram e depois os conquistaram, e que lhes transmitiram o conjunto de sua civilização, aceitaram a terminologia gaulesa relativa às carroças: o gaulês *carrus* tornou-se uma palavra latina corrente, que as línguas românicas conservaram e que as legiões romanas levaram para longe, até a Armênia, onde a encontramos intacta.

*

* *

Antes da chegada das tribos de língua indo-europeia que levaram à Grécia os falares chamados a tornar-se a língua grega, havia na bacia do mar Egeu uma civilização brilhante, da qual recentes descobertas feitas sobretudo em Creta e que tornaram célebre o nome do senhor Evans¹⁰ revelaram numerosos vestígios e características. Em meio a essa civilização elegante e rica, os “helenos” – para lhes dar o nome com o qual conhecemos seus descendentes – apareceram como bárbaros vindos do norte; sua chegada foi seguida por uma sorte de “idade

⁵ Sendo de origem gaulesa, era de se esperar que essa palavra não entrasse no léxico português. *Benne* pode designar uma caçamba, um contêiner, uma cabine, uma gaiola, entre outros. Veicula, em suma, a ideia de uma caixa recipiente.

⁶ Em português significam, respectivamente, *guerra*, *escolher*, *guardar*. Desses três itens de origem germânica, o segundo (*choisir*) não entrou no léxico português.

⁷ Itens lexicais também incorporados pelo português, assim *alcova* e *chocolate*.

⁸ O mesmo vale para o léxico português, como se pode depreender a partir dos exemplos acima.

⁹ No original, *chars*. Trata-se aqui dos veículos puxados por cavalos utilizado nos combates. Uma opção tradutória seria *biga* (ou *quadriga*, a depender do número de cavalos empregados), mas queríamos adotar uma palavra que mantivesse a etimologia da palavra céltica *carrus*, já que dispomos de algumas delas em português. Uma palavra com essa característica, por conseguinte, também corresponderia etimologicamente ao francês *char*, derivada outrossim do gaulês *carrus*, como o próprio Meillet aponta a seguir. Apesar de termos o próprio termo *carro* em português, na língua contemporânea ele evoca muito mais os automóveis modernos do que os antigos carros de combate, por isso acabamos por optar pela palavra *carroça*. Poderíamos pensar também em *carruagem*, outro derivado originário de *carrus*.

¹⁰ Arthur Evans, arqueólogo britânico, pioneiro nos estudos da Idade do Bronze do Mediterrâneo e descobridor da cultura minoica. Foi o responsável pela escavação e exploração do palácio-real de Cnossos, em Creta.

média” relativamente rude. Mas assim como os germanos absorveram muito da civilização greco-romana que sua chegada contribuiu para desintegrar, os helenos não se furtaram a tomar emprestado muita coisa à língua – ou às línguas – pela qual se exprimia a civilização “egeia” no segundo milênio antes da era cristã.

Essas línguas são desconhecidas. É lícito supor que elas pertenciam ao grupo da Ásia Menor: lídio, lício, cário, dos quais temos apenas poucos monumentos, – e esse pouco não é interpretado senão de forma parcial, incerta, – de tal modo que não saberíamos propor nenhuma teoria das antigas línguas da Ásia anterior. As escavações de Creta trouxeram velhas inscrições que sem dúvida estão redigidas na língua dos cretenses pré-helênicos, dessa gente que Homero qualifica de verdadeiros cretenses (*Eteokrêtes*). Mas elas não foram decifradas; se o fossem, sem dúvida não as compreenderíamos melhor do que compreendemos as inscrições, encontradas em Creta, em caracteres gregos, mas numa língua desconhecida ou do que os textos não gregos escritos em alfabeto cipriota.

Em suma, não sabemos nada ou quase nada das línguas que serviram de instrumento para a civilização egeia do segundo milênio antes da era cristã.

*

* *

Somente uma coisa é certa: as tribos de língua indo-europeia que invadiram a extremidade da península balcânica e toda a bacia do mar Egeu absorveram muito da antiga cultura egeia. Junto com as coisas, tiveram que incorporar muitas palavras.

E, com efeito, se examinamos o vocabulário grego, constatamos que várias palavras que ele compreende, em particular substantivos, não se explicam por aquilo que sabemos do vocabulário indo-europeu, ou mesmo têm um aspecto que as denuncia como não sendo, sem dúvida, indo-europeias.

Uma palavra como *labyrinthos*, que concerne apenas à antiga Creta e ao Egito, não tem nada de indo-europeu. O elemento *-intho-*, que parece ter servido à formação, encontra-se em nomes próprios como *Korinthos*. Ora, os nomes próprios gregos de lugares não se explicam em geral pelo grego, isto é, pertencem a línguas faladas na Grécia antes da chegada dos novos conquistadores.

Isso evidencia que um substantivo como *asaminthos* (referente a “banheira”), que lemos já em Homero, e que não se explica pelo indo-europeu, é de origem “egeia”. Por conseguinte, é lícito perguntar-se se o substantivo *balaneion* (de “banho”), cuja forma não denuncia um estrangeirismo, mas para o qual não se encontrou etimologia indo-europeia satisfatória, não seria também “egeu”. Como essa palavra passou ao latim, *balineum*, *balneum*, e daí às línguas

românicas (francês *bain*, etc.) e, com sua forma do latim vulgar, ao eslavo (*banja*), a palavra “egeia” tornou-se uma palavra praticamente europeia.

O “cipreste” é uma árvore da região mediterrânea. Seu nome grego *kyparissos* não tem nada de indo-europeu, nem na raiz, nem no elemento de formação *-isso-*, que, ao contrário, é corrente no mundo egeu. O grego deve a palavra, então, a uma língua “egeia” anterior. E a forma *cupressus* da palavra latina correspondente, que se explica mal partindo da forma grega, provém sem dúvida de um empréstimo feito pelo latim, não ao grego, mas, direta ou indiretamente, à língua da qual o próprio grego a tomou.

O substantivo grego *thriambos* designa um cortejo báquico e o substantivo latino *triumphus* (que os gregos verteram por *thriambos*) foram reconhecidos como provavelmente “egeus”¹¹ e isso leva a vislumbrar a possibilidade de uma origem “egeia” para termos especializados como *iambe* e *dithyrambe*.¹² É fácil encontrar exemplos plausíveis, e mesmo prováveis, de palavras gregas importantes portando uma origem egeia. A demonstração completa escapa na maioria das vezes.

*

* *

A nação que falava o indo-europeu habitava sem dúvida uma região bastante setentrional, onde prosperavam a faia e a bétula, mas onde não se cultivava a videira. A única bebida fermentada cuja existência indicam os vestígios conservados da língua é o hidromel, cujo nome antigo o inglês *meat*¹³ e o alemão *met* conservaram até o presente, como também as línguas eslavas (russo *měd*, etc.). Entre os povos de língua indo-europeia, aqueles que aprenderam a conhecer o vinho serviram-se algumas vezes do velho nome do hidromel para designá-lo; assim é que o grego *méthy* designa o “vinho”, e que as palavras que indicam a embriaguez vinculam-se àquela expressão: *methê* “embriaguez”, *methyô* “estou embriagado”, *methyskomai* “eu me embriago” – estas não tiveram de mudar de sentido acompanhando o produto que causava a embriaguez.

Mas, ao lado dessa palavra que ele adaptava no plano do sentido, o grego tomou emprestado uma outra, quase evidentemente “egeia”, a saber *woinos* (a forma *oînos* do jônico-ático explica-se pela queda do *w* inicial que é a norma nesse

¹¹ *Sic*: o período se encontra dessa maneira no original francês. Parece faltar um pronome relativo antes do verbo *designar*, que transformaria essa oração em adjetiva e adequaria a oração principal, centrada na perífrase *foram reconhecidos*, com o sujeito composto “o substantivo grego *thriambos* e o substantivo latino *triumphus*”.

¹² Em português, *iambo* (ou *jambo*) e *ditirambo*.

¹³ *Sic*: no original consta *meat*, embora o termo que se encontra nos dicionários de língua inglesa para designar o hidromel seja *mead*, com a consoante sonora. *Meat*, no âmbito do vocabulário alimentício, significa “carne” no inglês moderno. Há, inclusive, na tradição anglófona, o jogo de palavras *meat and mead*, para designar um banquete no qual se serviam carne e hidromel ou vinho, ou, por metonímia, simplesmente comida e bebida. Não sabemos se se trata de erro de impressão do original ou se houve a variação entre consoante surda e sonora em algum estágio de desenvolvimento do antigo inglês.

dialeto). Essa palavra não se acha isolada: encontramos uma forma aparentada nas línguas itálicas – *uīnum* em latim, *vinu* em umbro. O gênero neutro da palavra e o *î* da primeira sílaba indicam fortemente que a palavra itálica não foi tomada de empréstimo ao grego, como muito frequentemente se repetiu. O armênio, que tomou emprestadas palavras gregas de forma direta apenas a partir da época cristã, tem uma palavra *gini* que se baseia numa antiga forma análoga a *woīnos* do grego e que deve, por algum intermediário desconhecido, vincular-se ao mesmo original egeu; do armênio, essa palavra passou ao georgiano, numa data anterior ao período histórico do armênio. O mesmo nome do vinho se encontra finalmente em todo o conjunto do grupo semítico (árabe *waynum*, etc.), não sendo o caso de examinar aqui se o “egeu” tomou a palavra de empréstimo ao semítico ou o inverso. Assim, um nome mediterrâneo do “vinho” figura na maior parte das línguas que margeiam o Mediterrâneo; e, sob a forma latina, essa palavra se impôs à Europa inteira, isto é, às línguas célticas, germânicas e eslavas. Se não postulássemos um original egeu, não conseguiríamos compreender de onde o nome do “vinho” pôde propagar-se assim sobre a Europa e a Ásia.

A grande fortuna da palavra *uīnum* em latim se manifesta no número de palavras que dela tirou o francês. O francês não tem somente *vin*, que dá continuidade a *uīnum*. Tem também *vigne*, que dá continuidade ao derivado *uīnea* de *uīnum*; *vendange*, originário de um composto *uīndēmia*, cujo primeiro termo é *uīnum*; e enfim uma antiga justaposição *vinagre*, que se explica imediatamente em francês, ainda que, atualmente, os falantes não mais percebam ali a palavra *vin*, e que, além do mais, o vinagre utilizado frequentemente já não seja mais derivado do “vinho” submetido à fermentação acética. Há então, em francês, quatro palavras, atualmente independentes umas das outras, que se conectam a *uīnum*.¹⁴

É surpreendente que os nomes gregos da “vinha”, *ampelos*, e da “uva”, *botrys*, não tenham etimologia indo-europeia conhecida. Isso vem confirmar a hipótese da origem “egeia” do grego *woīnos*, e, conseqüentemente, do latim *uīnum*.

*
* *

Ainda mais evidentemente que a videira, a oliveira é uma planta mediterrânea. As gorduras das quais o indo-europeu possui o nome são gorduras animais. Os gregos só aprenderam a conhecer as gorduras vegetais entrando em

¹⁴ Todas as informações expostas nesse parágrafo valem também para o português. Seguindo a mesma ordem apresentada por Meillet das palavras em francês relacionadas ao latim *uīnum*, a saber, *vin*, *vigne*, *vendange* e *vinagre*, temos em português os análogos *vinho* (derivado diretamente de *uīnum*), *vinha* (de *uīnea*), *vindima* (de *uīndēmia*) e *vinagre*.

contato com o mundo egeu, onde a cultura da oliveira e o emprego do óleo de oliva¹⁵ tinham uma grande importância.

O nome que o grego tomou emprestado foi adaptado aos usos gregos: constituiu-se uma forma feminina *elaiwâ* (em ático *elaa*) para designar a árvore, a “oliveira”, e seu fruto, a “oliva”;¹⁶ e uma forma neutra *elaiwon* (em ático *elaion*) para designar o produto, o “azeite” [o óleo]. Mas a palavra é de origem estrangeira. De resto, encontra-se o elemento essencial *el-* em armênio (*ewł* em armênio clássico), *et* nos dialetos populares que resultaram no armênio moderno, sob uma forma que não pode ser de origem grega, e que, como o nome armênio do “vinho”, remonta direta ou indiretamente à civilização “egeia”. O Sr. Marcel Cohen¹⁷ informa-me inclusive que em semítico e em camítico encontram-se formas muito semelhantes para designar árvores não cultivadas. Há aí toda uma investigação curiosa a se realizar.

A oposição entre o nome *oliua* da “oliveira” e da “oliva” e o nome *oleum* do “óleo” mostra que essas palavras latinas são empréstimos do grego, à diferença do que observamos para o nome do vinho. A diferença de forma entre as palavras latinas *oliua*, *oleum* e as palavras gregas das quais elas se originaram e as diferenças entre o aspecto de *oliua* e o de *oleum* explicam-se por particularidades da fonética latina e não trazem nenhuma dificuldade. Mas esse acidente fonético separou *oliua* de *oleum* para o sentimento linguístico de um romano. Em uma língua como o francês, em que os nomes da “oliveira” e da “oliva” só ocorrem por empréstimo em dialetos de regiões que possuem a oliveira, e em que o óleo nativo se fabrica com outros produtos vegetais que não a oliva, o nome do óleo perdeu toda a ligação com a oliveira. O mesmo ocorre, naturalmente, com a palavra inglesa *oil*, que é de origem francesa, ou com a alemã *öl*.¹⁸ E quando, como acontece frequentemente agora, servimo-nos da palavra *huile* (ou do inglês *oil*) para designar óleos minerais, estamos bem longe do mundo egeu, de onde vem a palavra.

A história do nome do azeite nas línguas românicas é de fato complicada. Em nenhuma parte, a palavra tem a forma que esperaríamos se se tratasse de uma palavra tradicional. As influências eruditas atuaram por toda parte.

¹⁵ Em português, diríamos simplesmente *azeite*. Contudo, trata-se de palavra de etimologia árabe, a qual não penetrou no francês, que mantém a palavra *huile*, equivalente ao português *óleo*, ambas derivadas da forma latina *oleum*. Como o raciocínio e a exposição de Meillet estão voltados para a derivação da forma latina, manteremos a palavra *óleo* na tradução quando a exposição fizer referência específica à etimologia.

¹⁶ A forma portuguesa *azeitona* é de origem árabe. Pela mesma razão apresentada em relação ao termo *azeite*, utilizaremos *oliva* quando se fizer referência explícita à etimologia de origem latina.

¹⁷ Linguista francês, importante estudioso das línguas semíticas e especialmente das línguas etíopes, também contribuiu para o desenvolvimento da dialetologia e da sociolinguística. Discípulo e amigo de Meillet, dirigiu com o mestre a publicação da coleção *Les langues du monde*.

¹⁸ E, igualmente, com o português *óleo*, fato ainda mais reforçado do que nas outras línguas pela existência da forma alternativa *azeite* para designar especificamente o óleo de oliva.

*

* *

Além dos nomes do “vinho” e do “óleo” [de oliva], há, sem dúvida, ainda vários outros que a civilização moderna deve à antiga civilização egeia.

Por exemplo, é provável que o nome da “rosa”, que se encontra tanto em grego quanto em iraniano, e que do iraniano parece ter passado ao armênio, seja “egeu”. Em grego, a palavra não foi emprestada na data mais antiga: é curioso que a forma que ela apresenta tenha um caráter dialetal particular, o do eólio, e que, por conseguinte, ela deva passar como empréstimo do eólio aos outros dialetos. A forma latina *rosa* oferece grandes dificuldades à explicação, que não se deixam solucionar se se supõe um ponto de partida grego da palavra latina.

As línguas indo-europeias do antigo grupo do Noroeste, do eslavo e do báltico ao céltico e mesmo ao itálico, possuíam um nome da “maçã” do qual o inglês *apple*, por exemplo, ainda é um representante. Mas as populações que chegaram a travar contato com a cultura egeia sem dúvida encontraram uma maçã mais aperfeiçoada, cujo nome, *mâlon* (em jônico-ático *mêlon*), aparece em grego; o latim tomou-o emprestado ao grego, primeiramente sob a forma de algum dialeto dórico onde o *ā* subsistia, *mālum*, depois sob a forma emprestada do ático *mēlum*, que sobreviveu particularmente no italiano *melo*. Entre os dialetos itálicos, o velho nome da “maçã” não subsiste senão num nome próprio, o da cidade de Abella,¹⁹ célebre por suas maçãs, *malifera Abella*, como diz Virgílio, aproximando assim de maneira curiosa os dois nomes da “maçã” – o antigo, indo-europeu do Noroeste, e o novo, tomado de empréstimo ao mundo “egeu”.²⁰

Temos muito poucos dados para determinar, mesmo aproximadamente, o que o grego e o latim, e daí as línguas modernas, devem à antiga cultura “egeia” do segundo milênio a.C. Mas o pouco que entrevemos mostra que essa contribuição é importante.

Assim se mantêm nas línguas os restos de civilizações desde há muito tempo suprimidas e esquecidas.

REFERÊNCIAS

BENOZZO, Francesco; OTTE, Marcel. **Speaking Australopithecus: a New Theory on the Origins of Human Languages**. Alessandria: Edizione dell’Orso, 2016.

¹⁹ Cidade da região da Campânia, hoje dita Avella, famosa por seus vários frutos, especialmente a avelã.

²⁰ Alguns filólogos mais recentes propõem uma origem indo-europeia para o étimo *mâlon/mêlon/mālum*, que viria de uma forma (*s*)*mêlo-*, a mesma que resulta no adjetivo *small* do inglês. Essa raiz, portanto, ressaltaria a pequenez do fruto maçã. Cf. BENOZZO; OTTE (2016, p. 38).

Tradução de “A propósito dos nomes do vinho e do azeite” de Antoine Meillet

MEILLET, Antoine. **Linguistique historique et linguistique Générale**. Genève: Slatkine; Paris: Champion, 1982.

Data de envio: 31/10/2022
Data de aprovação: 13/12/2022
Data de publicação: 27/12/2022